

# PRÁTICAS ECO-AGRÍCOLAS TRADICIONAIS: ONTEM E HOJE

Ellen F. Woortmann <sup>1</sup>

**Resumo:** o artigo analisa algumas práticas agrícolas etno-ecológicas tradicionais desenvolvidas por grupos camponeses. Especificamente, parte da noção de habitus de Bourdieu e da noção de triângulo Deus, Homem. Natureza tal como discutida por Klaas Woortmann. A partir de princípios, noções, tais como "tomar água esquentada no sol faz mal", práticas de proteção e preservação de recursos de água são implementadas: sempre que possível mantém-se as matas galeria, árvores são plantadas ou mantidas nas proximidades de poços e fontes, etc. Nesses grupos tradicionais o uso de recursos naturais são maximizados, tais como o plantio de inverno em áreas protegidas por geadas, a adequação/compatibilidade entre as características do solo com as variedades de alimentos, etc. Discute-se também a relação entre rituais e práticas de preservação ambiental e reflorestamento, por exemplo.

**Palavras-chave:** Práticas Etno-ecológicas; Processo Produtivo Agrícola; Rituais e Reflorestamento.

***Abstract:** This paper examines some ethno-ecological traditional farming practices developed by peasant groups and focuses on a specific section of Bourdieu's concept of the habitus and on the perceptions of the triad of God, Man and Nature, as discussed by Klaas Woortmann. In the light of the principles and concepts such as the one described herein as "it is not safe to drink water that has been left out in the sun for an extended period of time", new practices have been adopted with the purpose of conservation and protection of water resources: for instance, whenever possible, communities were given the responsibility to protect gallery forests, promoting conservation and tree planting in the vicinities of the wells and fountains, and so forth. These traditional groups maximize the efficient use*

---

<sup>1</sup>Professora Doutora da Universidade de Brasília.

*of natural resources by adopting the winter cover crops, assessing the adequacy/compatibility between soil type and food variety, and so forth. Other issues regarding the relationship between customs and practices for environmental preservation and reforestation were also discussed.*

*Keywords: Ethno-ecological Practices, Agricultural Production Process, Rituals and Reforestation.*

## **Introdução**

*O meu tempo é hoje. Eu não vivo no passado. É o  
passado que vive em mim.*

*Paulinho da Viola*

Este artigo resulta de dados levantados no decorrer de pesquisas sobre processos produtivos e reprodutivos entre grupos tradicionais rurais; centra-se no encontro entre a Antropologia e a História, em especial em sua dimensão ambiental.

Ao se analisar a bibliografia sobre camponeses em geral ou sobre algum grupo tradicional em particular, percebe-se que as pesquisas de base teórica economicista via de regra privilegiam a sua produção, isto é, o resultado do trabalho familiar investido; por outro lado, as clássicas pesquisas (neo)marxistas, centram suas pesquisas no destino da produção, nos grupos sociais envolvidos, assim como sua conotação política. A relação entre processos cognitivos/produtivos e ambientais são pouco contemplados.

Por outro lado, a bibliografia que analisa processos ecológicos geralmente é centrada no meio ambiente em si, pouco se aprofundando na relação homem/meio ambiente. Além disso, esta última via de regra construída a partir de ideário marcado pela relação Hemisférios Norte/Sul, em que países como o Brasil são receptores de pacotes conceituais e tecnológicos posteriormente aplicados em situações etnográficas singulares.

As questões ambientais são trabalhadas como se antes da década de 1950/60 vigorasse uma ausência de consciência ecológica e como se esta última tivesse sido introduzida no Brasil através do esforço de incorporação do ideário norte-americano ou europeu. Isto significa que se ignora por completo, por um lado, a existência de uma consciência ecológica camponesa local e se ignora também que grupos camponeses tradicionais desenvolveram processos

adaptativos expressos em práticas ecologicamente positivas pautadas na releitura da noção de *memoire longue*, de Zonnabend (1980).

Meu objetivo neste trabalho é discutir algumas dimensões da sua *Weltanschauung*, isto é, da sua cosmovisão camponesa, configuradas face à religião e ao meio ambiente e em estreito diálogo com diferentes processos de modernização ao longo do tempo.

Tal como apontado em trabalho sobre a relação entre gênero e meio ambiente no litoral do Rio Grande do Norte:

Por ambiente entendo aqui um espaço total composto por espaços específicos articulados entre si pelo grupo que nele e dele vive. (...) Trata-se pois, não apenas de um ambiente natural dado, mas de um ambiente culturalmente significativo e socialmente utilizado. A noção de ambiente inclui, então, as relações sociais e a cultura que fazem da "população", uma sociedade. Essa noção implica pois, não uma oposição entre natureza e sociedade, mas a interação entre ambas...Na medida em que esse sistema envolve a interação entre a natureza e grupos sociais, o espaço é socialmente construído. Tal construção implica um processo de apreensão cognitiva do meio ambiente natural e processo de seleção de suas partes, seja no plano prático seja no simbólico (WOORTMANN, p. 31-53, 1992).

Nesse quadro é importante acrescentar que nessa concepção o meio ambiente é dinâmico e opera ajustando-se a mudanças ou transformações internas ou com resposta à inovações/pressões externas.

Ao discutir a proposta de práticas ecológicas tradicionais é oportuno apontar, ainda que de forma resumida, alguns níveis de entendimento servem de base à essas práticas.

Elas são parte do que Norbert Elias (1997) e Pierre Bourdieu (1980 e 1983) definem como *habitus*. Ainda que ambos utilizem a mesma categoria, as suas concepções são bastante distintas.

Para Elias, *habitus* consiste num saber socialmente incorporado "de cima para baixo", numa relação unidirecional, isto é, configurado pela sociedade/grupo, sua família, escola, e introjetado, inculcado no indivíduo e nele seletivamente sedimentado. As práticas incorporadas formariam como que uma ponte entre a continuidade, as práticas tradicionais, por exemplo, e a mudança, isto é, a introdução de novas matérias primas, variedades de plantas, animais, etc.

Para Bourdieu (op cit), inspirado em Panofski, *habitus* consiste num saber

social incorporado ou *Bildung*, resultante de um movimento de "mão dupla", ou seja, da sociedade/grupo para a pessoa e desta para o grupo ou sociedade a que pertence. Em outros termos, a pessoa é socializada, internaliza aquilo que a família, escola, amigos, igreja, meios de comunicação, etc., lhe inculcem: a concepção do que é meio ambiente, sua relação com outras esferas tais como a social, a religiosa, econômica, por exemplo. Contudo, nem sempre o que lhe foi inculcido no plano do modelo, será posto em prática, lhe será operativo, seja devido a circunstâncias alheias à sua vontade, seja por opção individual.

Por outro lado, de acordo com Bourdieu (op cit.), a pessoa também pode influenciar a sociedade ou grupo a que pertence, abrir novas perspectivas, criar novas demandas ambientais e estéticas, por exemplo. Nos termos de Panofski:

Tratando-se de fenômenos históricos ou de fenômenos naturais, a observação particular apresenta o caráter de um 'fato' só quando pode ser relacionada com outras observações análogas, de tal modo que o conjunto da série 'ganhe sentido'. Portanto, este 'sentido' pode ser legitimamente utilizado a título de controle, para interpretar uma nova observação particular dentro da mesma classe de fenômenos. (BOURDIEU, p. 343, 1983).

Bourdieu (op cit) propõe ainda a existência de disposições internalizadas e naturalizadas em relação dialética com as práticas, em outros termos, na combinação entre "estruturas estruturadas e estruturantes" quer dizer, aquilo que foi inculcado pela tradição em termos de concepções e relações com o meio ambiente de um determinado grupo social e o que foi historicamente atualizado no decorrer do tempo.

Nessa perspectiva, uma localidade ou região é vista como um território no qual práticas são mantidas seletivamente no decorrer do tempo, configurando o que Pietrafesa (1997) define como "sistema do lugar" e distintos modos de existência (2009).

A noção de prática aqui será concebida como decorrente do habitus de um grupo ou pessoa, tal como discutido por Bourdieu em seu clássico *Célibat et condition paysanne* (1962) noção que não se confunde com a de outros autores, tal como Sahlins (2004), com sua teoria da utilidade objetiva.

A partir desse quadro, propõe-se pensar e pesar a noção de práticas ecológicas tradicionais como resultado de um domínio cognitivo do meio-ambiente; mais especificamente ele resulta de um manejo dos recursos disponíveis com relação a um ambiente percebido, um fenômeno desenvolvido no interior

de grupos tradicionais em muitos casos em fase agonística. Em alguns casos essas práticas ainda estão sendo operacionalizadas, em outros, elas somente estão no plano da memória dos idosos e em outros ainda, essas práticas já foram seletivamente descartadas.

Aproximando-nos de um nível etnográfico, centrado em populações rurais brasileiras, deve ser destacado o que Klaas Woortmann (2000) concebe graficamente como um triângulo, marcado pela égide de uma percepção articulada e holista do mundo. O vértice superior deste triângulo – numa percepção tradicional pré-romanização – é ocupado por Deus, como Senhor e Criador do mundo; no segundo vértice, subordinado a Ele, encontra-se o homem, como sua criação; e no terceiro, também como sua criação, está a Natureza. Há portanto, a configuração de um pacto hierárquico com valores, pesos, diferenciados: o Homem e a Natureza, com peso e valores menores, subordinados a Deus, o Criador.

É evidente que esta não é a concepção de mundo urbana, capitalista, globalizada, na qual Deus está fora desse universo, separado e encerrado no contexto da religião formal e a natureza, numa relação verticalizada, está subordinada ao homem e a seu serviço. Ademais, nesta concepção pode-se identificar relações de causa e efeito, entre os dois últimos, porém sem correlação direta com o primeiro.

Na concepção tradicional do triângulo articulado, Deus "fala" aos homens diretamente através da religião, porém não no quadro da alta hierarquia romana; Ele fala aos homens no ideário do catolicismo popular. Estes por sua vez, se articulam com a natureza não como seus superiores; eles se relacionam com a natureza numa relação entre iguais compartilhando o status de criaturas de um mesmo Criador. Além disso, Deus também fala aos homens indiretamente através da natureza. Destarte, cada um dos vértices se torna um elemento de um todo marcado pela reciprocidade entre as partes.

Essa relação está explicitada, por exemplo, quando se analisa as fogueiras montadas no dia de São José, dia 19 de março. As fogueiras são acesas em sua honra e como forma de agradecimento pela previsão de inverno que ele promove. Como afirma um camponês, hoje produtor de maracujá para o mercado de Aracaju:

Desde o meu tempo de menino, nunca deixei de honrar São José. E botei no meu filho o nome dele. Pode escrever aí, dona, ele diz para o povo como vai ser o inverno. Como assim? É isso mesmo. Dia de São José que cai aquela

água boa, aquela chuva, chuvona, pode escrever que Deus vai mandar um inverno bom... vai ser aquela fartura, o povo aquela alegria da panela cheia, os bichos gordos, aquela beleza. Agora, quando não chove no dia de São José, é porque ele já está avisando para o povo que acredita, o inverno vai ser fraco, as roças... vai ser aquela tristeza, judiação... A gente não sabe, Deus é que vai mandar a benção das chuvas.

Nesse quadro, São José e os demais santos, operam como intermediários entre Deus e os homens, enviando avisos aos tementes a Deus, intercedendo face a ele, etc. Via de regra, essa intermediação é percebida como sendo através da natureza.

É no âmbito desse ideário que se entende a organização de procissões de pessoas entoando ladainhas e rezas, carregando vasilhames com água, para lavar cruzeiros, como forma de penitência a Deus, para que Ele se apiede e envie chuvas. Nesse quadro, a seca não resulta de um fenômeno climático, cientificamente caracterizado como El Niño ou La Niña. Para esses camponeses "a seca é o castigo de Deus pela maldade dos homens". Portanto, constitui uma concepção de meio ambiente completamente diferente da urbano-centrada atual.

De forma análoga, a solução antiga de problemas através de um pacto entre os três vértices, Átis como a expulsão de animais peçonhentos é dada no mesmo quadro referencial: para expulsar as cobras (natureza) de uma roça familiar, é chamado um rezador (homem) – observe-se que ele não é um exterminador – que invoca a Deus e à interferência dos santos, os quais manterão a segurança enquanto o rezador viver. Esse pacto permanece vigente enquanto o rezador estiver vivo e ativo; com o seu falecimento, o pacto se extingue e deve ser renovado com outro rezador.

A concepção holista de Dumont (1970) deste ideário é evidente. Há um todo que se manifesta nos três vértices, que não podem ser desarticulados ou concebidos em esferas separadas. E, de acordo com ele, a pessoa, como membro de sua família e por sua vez a sua família no grupo ao qual se vincula, igualmente estão incluídos nesse todo ao qual também se encontra a natureza.

Assim, se a natureza é criada por Deus, pode ela ser corrigida? Será que Deus criou algo errado? Observe-se que somente algo que está errado ou imperfeito é que pode ser corrigido. Então como algo que foi criado por Deus pode ser corrigido?

Numa concepção próxima à romana, apontada por Fustel de Coulanges, o camponês se pensa, não como proprietário da terra, vista como mercadoria ou

investimento de curto prazo, que pode exaurida, mas como dono que a trabalha e que a passa de pai para filho. O camponês se concebe como responsável pelo seu gerenciamento e portanto, da natureza. A terra lhe foi outorgada como legado, legitimado por Deus pelo trabalho nela investido<sup>2</sup>. Recebida da geração anterior, deve legá-la à próxima em condições positivas de reprodução.

Destarte, há um investimento de trabalho nesta terra-patrimônio. É o "suor do seu rosto" que legitima o acesso à ela, bem como o consumo do que nela foi e é produzido. Arigor, o trabalho legitima o acesso à terra destinada ao camponês por Deus. E nesse quadro ele deve prestar contas do que fez com e a ela e, por conseguinte, à natureza à geração seguinte e à Deus.

Essa concepção supõe que tal como há a proximidade do homem com a natureza, assim há a proximidade do homem com Deus.

Ao se analisar o detalhamento do processo produtivo camponês, constata-se que há uma relação de reciprocidade entre homem e natureza, na qual se identificam "negociações", "diálogos", nos quais o camponês "fala" com ela.

Ao contrário dos técnicos a serviço do agronegócio, que após a análise dos solos determinam a "correção dos solos" a fim de atender às necessidades da mercadoria a ser produzida, a produção camponesa parte do domínio cognitivo das condições e características do solo e da natureza. Haverá, como que uma "negociação" entre homem e natureza, na qual se identifica um ajuste entre a produção para atender as necessidades da família e o "terra quer dar". Assim, o gerenciamento da terra, a configuração do processo produtivo, levará em conta dois termos: 1.º as necessidades do homem e sua família e 2.º o potencial da natureza – no seu entendimento, os recursos disponibilizados por Deus a ele e sua família.

Assim, por exemplo, no sertão do Nordeste, um terreno "brejado" não será drenado para impor um determinado tipo de mandioca; atendendo ao que a terra quer dar, dentre as variedades de mandioca será escolhida aquela que mais se adéqua ao tipo de solo que retém maior índice de umidade. Da mesma forma, em local onde há alta incidência de formigueiros, planta-se melancia que "gosta" desses lugares ou pode ser aplicada "água da mandioca", subproduto da fabricação da farinha.

---

<sup>2</sup>Essa concepção era compartilhada no período inicial do MST através de mensagens tais como: Terra de Deus para quem ela trabalha". Sobre concepções de trabalho camponês, ver Brandão 1986 e 2004.

Desse tipo de gerenciamento/negociação resulta uma diversificação da produção diretamente associada à diversidade de solos disponíveis negociada, negociação essa alicerçada, como mencionado inicialmente, no "habitus, como sistema de esquemas inconscientes, ou profundamente internalizados, que transforma a herança coletiva em inconsciente individual" (BOURDIEU, p. 347, 1982). Além disso, supõe um domínio cognitivo detalhado dos elementos que compõe o processo produtivo, tais como características específicas de cada variedade das plantas utilizadas, a relação entre as mesmas em seus processo de florescimento e produção, os tipos específicos de solos, o regime de chuvas, ventos, etc. Esse conjunto de saberes, que no mundo camponês implica em fazeres, compõe o que se define como "matriz camponesa".

Se essa negociação é alicerçada no habitus, ela, por sua vez, também tem de negociar com outras dimensões, com as condições de acesso à terra, por exemplo. Acredito que esse quadro explique o fato de que nas pesquisas realizadas no sertão de Sergipe tenham sido identificadas 26 formas de consorciamento<sup>3</sup>, algumas delas, antigas, apenas retidas na memória dos camponeses idosos e outras em uso. Há uma plasticidade no plano do modelo que permite os ajustes face às mudanças internas do grupo e/ou face às alterações/imposições externas.

No discurso desses camponeses observa-se que há como que uma "humanização" da natureza. Nesse ideário, o camponês "o que ela quer dar", "o que ela quer produzir", depois de produzir "ela precisa descansar" e necessita de "vitamina", isto é, adubo. Nesse discurso fica evidente a construção de relações de reciprocidade positiva em que o camponês atende ao que ela quer (adubo, pousio, etc) e ela por sua vez atende ao que ele necessita, o produz o seu alimento.

A essas características de humanização positiva pode ser acrescentada, por outro lado, característica de humanização negativa: quando demasiado explorada, "a terra se vingando dando pouco rendimento", isto é, numa evidente reciprocidade negativa, a natureza reage aos maus tratos dos homens, reduzindo o rendimento da sua produção de alimentos, provocando a fome. Da mesma forma, quando uma área de mata é desnecessariamente queimada ou sem a observância das práticas de tradicionais de prevenção (aceiro mal-feito, por

---

<sup>3</sup>Sobre formas classificações e de consorciamento, ver (DUBOIS, 1995 e WOORTMANN e WOORTMANN, 1997).

exemplo, ou não observância das condições de vento, umidade, etc.) a natureza "pode se vingar" provocando incêndios nas imediações ou provocando ataque de animais em fuga.

É importante salientar que para o camponês é fundamental deixar a terra "descansar" até criar uma capoeira ou mesmo, se possível, capoeira grossa. Devido a pouca disponibilidade de terras, é motivo de grande orgulho para o camponês deixar uma área em descanso até ela retornar à condição de mata. Legar uma área de mata aos filhos, ainda que pequena, é prova de ele é um bom pai e um camponês "caprichoso". Ao legar-lhes a mata, ele lhes dá a oportunidade altamente valorizada de ter acesso aos recursos que a mata disponibiliza e de iniciar um novo ciclo agrícola.

Remetendo ao que já foi mencionado acima, no âmbito dessa reciprocidade negativa, incluem-se também, como já mencionado, as recorrentes secas que castigam o sertão.

Essa forma de pensar, portanto, constrói o universo camponês como imerso no meio ambiente, como parte dele, e não fora dele. Partindo dessa constatação, percebe-se que em certos grupos camponeses, tal como os do Mato Grosso, estudados por Almeida (1988 e 2007) a leitura de fenômenos da natureza é diferente. Eles, por exemplo, não compartilham com a percepção ocidental moderna de 4 fases da lua, isto é, concepção "compartimentalizada" da lua. Para esses camponeses a lua, num continuum, passa gradativamente de *fraca* (lua nova) a *forte* (lua cheia) e é ela, e não o calendário solar, que orienta/sinaliza as práticas do processo produtivo. Essa leitura da natureza que resulta, via de regra de modelos antigos ajustados no tempo, nem sempre são operativos face ao processo migratório. É o caso dos migrantes gaúchos estudados por Tavares dos Santos (1983) ao transferirem os parâmetros de leitura do solo e plantas nativas do Rio Grande do Sul para a Amazônia incorrerem em leitura equivocada. A mata exuberante, com a presença de certas variedades de plantas, que no Sul é expressão segura de solos férteis, profundos, no Norte, via de regra pode ser expressão de solos arenosos pouco férteis, com fina cobertura de húmus.

Dentre esse grande e variado universo de práticas ecológicas tradicionais, encontram-se, centrados em certos locais, grupos específicos nos quais práticas etno-ecológicas são identificáveis. Elas geralmente resultam de uma matriz cognitiva e de condições sócio-econômicas e ambientais para se manter e atualizar. Configuram um etno-manejo com características peculiares mais ou menos identificáveis, a depender do processo de adaptação.

Assim é que entre os teuto-brasileiros do Vale do Rio dos Sinos, por exemplo,

identificam-se ainda algumas práticas que poderiam ser definidas como etno-ecológicas tradicionais, resultantes de um processo de adaptação de uma tradição germânica ao contexto e ideário brasileiro. Essas práticas são identificadas, por exemplo, em situações de etno-manejo da natureza tal como já apontado em outro lugar:

Até cerca dos anos 1950, realizava-se como que um "reflorestamento ritual". Por ocasião do batizado de uma criança, o pai, padrinho ou avô com alguma disponibilidade de terras plantava algumas araucárias, em área ainda em mata, na margem de algum córrego ou mesmo na beira do caminho, formando como que um "corredor". Com isso, cada recém-nascido teria no futuro algo para "im Lebe' mit etwas anzufangen", isto é, ter algo para começar na vida. Desde a perspectiva da memória, era também uma forma de o ascendente ser lembrado na paisagem, principalmente quando "não estivesse mais aqui". Na periferia de Novo Hamburgo por exemplo, havia ainda, no final da década de 1990, alguns exemplares do "corredor de pinheiros da Vó Mentz", plantados entre 1920 e 1940, por essa sobrinha da líder do movimento Mucker (WOORTMANN, p. 137, 2004).

Como o casamento era tardio, esse reflorestamento de araucárias era uma maneira de formar uma poupança para os filhos, destinada a contribuir para a compra de terras em alguma colônia nova, à construção da casa, por ocasião do casamento, ou mesmo para a formação de uma "ajuda" em um novo começo na cidade. Essa "poupança" também podia ser usada para financiar o estudo em seminário para os filhos destinados ao sacerdócio. Em caso de crise, há um redirecionamento do manejo dos pinheiros, que podiam ser vendidos pelo pai. Neste caso, o pai ficava em débito com relação ao filho ao qual pertenciam as árvores.

No caso de colonos "fortes", com mata maior e mais densa, na ocasião que antecedia ao batizado, o pai, com a ajuda de familiares, além de selecionar pinheiros nativos, selecionava algumas árvores de madeira de lei, destinando-as ao recém-nascido e fazendo a limpa ao redor das mesmas "para que crescessem bonito".

Os "pinheiros-poupança" do ritual do batizado não se confundiam com aqueles plantados para outro fim ritual: os *Weihnachtsbäume*, isto é, as "árvores de Natal" ou "pinheiros de Natal". Estes eram plantados pela mãe de família e não eram cortados anualmente. Alguns deles, porém podiam ser transferidos para

a categoria dos "pinheiros-poupança". Na medida em que haviam "sobrado" dos cortes anuais.

Em 2010, quando de uma visita à antiga colônia alemã de Santo Amaro (SP), hoje município de Parelheiros<sup>4</sup> (3), ao perguntar sobre pequenas áreas de mata ou reflorestadas e corredores de pinheiros adultos encontrados, me foi afiançado por um colono que:

Isso todo mundo fazia. Era sempre um apoio para o futuro... Mas hoje a gente não faz mais não. Não adianta. Se alguém ainda planta é longe da estrada porque no Natal vem as pessoas e roubam. O (inaudível) plantou uns, eles estavam bonitos, deste tamanho (cerca de 1,70 cm) e um dia amanheceu e tinham roubado todos. Eu não sei, mas eram uns 10 o 12."

–Até quando vocês ainda plantaram esses corredores?

– Assim, na beira da estrada, não sei bem, acho que já fazem uns 20 anos. Tem um ou outro que ainda planta mas são poucos.. mas é porque eles tem lugar (seguro) para plantar mais para dentro.Minha mulher sempre tem os dela plantado, no Hof, mas é para Natal...

No contexto da dinâmica dessas práticas etno-ecológicas teuto-brasileiras, altera-se o significado do pinhão, fruto das araucárias. De um complemento alimentar da família e da criação de porcos, nas últimas décadas ele passa a ter demanda no mercado urbano, tornando-se uma fonte de renda complementar para a família. Essa renda é, em muitos casos, usada para custear as despesas escolares do filho, "dono dos pinheiros", a quem cabe a coleta, sendo que a comercialização cabe ao pai.

No caso da produção de pinhão dos "pinheiros de Natal da mãe que sobraram", ainda que ele tenha sido comercializado pelo pai, o rendimento do pinhão era destinado à mãe, para atender às suas necessidades e comprar, por exemplo, um eletrodoméstico para a casa.

Essas práticas etno-ecológicas contudo, não se confundem com outra forma reflorestamento de pinheiros, realizado em locais afastados das estradas, em

---

<sup>4</sup>Agradeço ao Instituto Martius-Staden pelo convite para a palestra e por ter-me viabilizado a visita à Parelheiros e o contato com esses teuto-descendentes.

terras de colonos aposentados com alguma disponibilidade de terras e pouca força de trabalho. São os reflorestamento com plantio de pinheiros de Natal em maior escala. Nesse caso, fazem parte do domínio masculino de trabalho, o plantio é realizado por força de trabalho não familiar, os pinheiros são destinados ao mercado e nem sempre são da variedade araucária.

Identificam-se entre esses teuto-brasileiro, também uma variedade de práticas etno-ecológicas pautadas, a partir do princípio de que "beber água esquentada no sol faz mal". À partir dessas práticas, recursos de água são preservadas pelas cobertura de mata ou de árvores mantidas nas suas proximidades.

Assim é que, ao redor de fontes, açudes ou córregos que alimentam os animais nos poteiros, deve-se manter a mata ciliar nativa ou realizar o seu re-plantio. Da mesma forma, a água do poço ou fonte que abastece a casa e os animais domésticos, deve ser mantida fresca pelo plantio de árvores<sup>5</sup> ao seu redor. Nesse sentido também "faz mal" trabalhar com água no sol, e é por isso que as roupas devem ser lavadas pelas mulheres em locais sombreados; algumas árvores devem ser preservadas nas roças para sombrear os momentos de descanso /refeições dos colonos em seus trabalhos durante os picos agrícolas. De forma análoga, os animais devem ter acesso à sombra para que suas cabeças não esquentem e eles adoçam.

É interessante que, na contra-corrente das tendências mais gerais de desmatamento, hoje, em muitas dessas colônias teuto-brasileiras tradicionais, as áreas de mata nativa e de reflorestamento estão aumentando devido à redução média do número de filhos, à migração de parte deles para a cidade ou pela redução das áreas de plantio de alimentos decorrente do trabalho em tempo parcial dos filhos como operários nas indústrias que para lá transferiram setores de seu parque industrial, tal como discutido em Schneider (1999).

Alguns poucos "colonos bons", principalmente "fortes" com maior disponibilidade de terras, ainda tem condições de reproduzir práticas etno-ecológicas antigas. Mantém a sua reserva de mata nativa original ou replantada para obtenção de madeira para construção ou reparação da casa ou estábulos, confecção de cabos de ferramentas, moirões de cerca e lenha. Em geral essas áreas de mata se localizam nas encostas dos morros e são uma maneira de evitar que a chuva "levasse a terra boa embora" e houvesse o açoreamento dos cursos de água.

---

<sup>5</sup>Vale ressaltar que sempre há uma preocupação de escolher árvores que não perdem as folhas ou cujo pólen suje a água.

Aliás, a erosão, no ideário desses colonos é expressão de maltrato da natureza e é muito mal-vista por Deus, e por isso deve ser imediatamente combatida. Numa combinação teuto-brasileira, galhos e ramas de árvores e palha devem ser colocadas logo após terminada a enxurrada, no sentido inverso ao da água. A prática é concluída com o plantio de bananeiras, no sentido transversal da fenda.

Retornando à questão do etno-manejo nas propriedades teuto-brasileiras, vale observar que nem todas as árvores em casas antigas estão relacionadas à proteção de recursos de água. Ipês amarelos antigos, por exemplo, encontrados em frente de Stammhäuser (1995), podem ser classificadas como "árvores-testemunho" de uma antiga identidade. Essas árvores sinalizavam aos passantes da estrada que este colono era membro de uma loja maçônica. Essas árvores-testemunho antigas possuem significado muito diferente de outras da mesma variedade, de plantio recente, plantados por motivos tão somente estéticos, "por que são bonitos".

Como que numa atualização do ideário tradicional, explica-se a presença de cinamomos, por exemplo, uma árvore exógena, introduzida na região em torno da década de 1940. As folhas do cinamomo são repelentes naturais de insetos. Essa característica explica o plantio de cinamomos nas proximidades da casa, de preferência perto da janela da cozinha e dos estábulos. É o que detalha uma colona, hoje moradora na cidade:

Minha mãe sempre contava. Tinha tempos em que era triste. Era só começar a fazer chucrute, matar um porco ou uma coisa assim, que apareciam as varejeiras. Tinha também tempos que sempre tinha muitas moscas. A gente botava 2,3 pegadores de moscas (Fliegerfänger)... e os vidros ficavam pretos. E não adiantava nada. Uma vez ou outra não tinha jeito, a gente botava veneno mesmo...

Depois a gente ganhou a mudinha de cinamomo da minha madrinha. ...Foi um alívio. Até hoje, quando tem muita (mosca), a gente brinca que traz ela para dentro: pega umas folhas e bota na mesa. Pronto, espanta elas... e espanta outro bichos também, pulgas, bicho de pé... Essas duas árvores são filhas das da mãe e eu já dei uma muda para o meu guri plantar na casa dele... E cinamomo quando ele dá flor, nossa, que cheirinho bom...

Eu não uso veneno de mosca em casa. É só o cinamomo mesmo.

Vale mencionar que há uma outra razão, menor, é verdade, que explica a presença de cinamomos perto da casa. Devido às características da casca de seu tronco, ele é um excelente local para o plantio de orquídeas!

Tal como no "tempo dos antigos", alguns colonos ainda hoje procuram observar as práticas antigas, ao plantar, logo depois do inverno, a batata inglesa da "safra" nas roças mais altas dos morros, a fim de aproveitar melhor o sol da primavera, ao passo que a batata da "safrinha" deve ser plantada na encosta, com o solo protegido com a palhada da safra anterior, a fim de proteger a terra do sol inclemente do verão e evitar a erosão. De forma análoga, alguns poucos colonos possuem algumas áreas de terra definidas como "abençoadas". Elas são assim definidas "por que Deus não manda geada para esses lugares". Constitui uma explicação, dentro da ótica acima discutida, para pequenas áreas protegidas da geada pela sua configuração geográfica.

Em todo plantio, numa perspectiva, que privilegia a utilização de recursos próprios, utiliza-se como adubo verde do gado e a cama das galinhas de criação própria. Como disse um colono, acerca do plantio das batatas, seu principal produto de consumo familiar e comercialização:

E a plantação das batatas? Aí varia. Sempre que eu posso, eu só uso o nosso adubo. Fujo de comprar adubo que nem o diabo da cruz.

Como assim, não entendi.

Cuida, uma vez. Eu uso o adubo que eu tenho por que quero me garantir. Eu sei que ele é bom para a terra. Isso é dos antigos: terra "magra" precisa mesmo é de adubo de gado. No ano passado o pai me deu duas carradas (de trator). Me ajudou muito... Comprar adubo de boi, desses caras que vem aqui de caminhão é muito arriscado. Meu cunhado comprou uma vez e ele estava cheio de guaxumba; sujou toda roça dele; foi uma luta até ele conseguir tirar toda.

Esta parte do depoimento merece algumas observações. Em primeiro lugar há a preocupação ecológica de atender às necessidades da terra, em conformidade com as etno-classificações teuto-brasileiras, que opõe solos magros (estéreis) à gordos (férteis). O adubo a ser utilizado, num papel análogo ao do sítio camponês do sertão, discutido em outro lugar (WOORTMANN e WOORTMANN, 1997), deve fazer parte do circuito próprio de insumos e

produtos, no qual uma parte da propriedade supre outra(s) parte(s) Ele pode ser obtido também como parte de um processo de reciprocidade de insumos, associado a circuitos de parentesco. A compra de estranhos, de fora da colônia, implica em assumir riscos quanto à sua qualidade.

É interessante observar a noção de sujeira desses colonos. Ela é definida pela presença de variedades de ervas daninhas na roça ou potreiro, numa aceção de desordem, que remete à análise de Mary Douglas (1966).

Em continuação, o mesmo colono acrescenta:

E o adubo químico?

Pensa, os técnicos vem aqui e falam, falam, falam, parece que eles é que são os vendedores de adubo químico; ...não sei se eles não ganham comissão... Eu só compro quando não tem jeito mesmo. Quer ver? Essa (variedade de) batata nova, eles dizem que produz melhor se plantar com o químico e ainda botar veneno...

É, às vezes não tem jeito, vou experimentar no Stück (pedaço de roça) que eu tenho lá na entrada...mas não vou pegar o (financiamento) banco este ano. Deus vai me ajudar..., a nossa (variedade antiga de batata, consumida em ocasiões rituais) a minha mulher planta perto do estábulo, já fica mais fácil para ela.. Não, também não bota veneno, ela só planta cravo de defunto ao redor... Como não é muito, ela só usa o esterco e cama de galinha ... isso já era assim no tempo dos "velhos" e faz um tempo que ela está com o pessoal da CAPA<sup>6</sup>

Essa parte do depoimento aponta para algumas questões interessantes. Em primeiro lugar, constata-se a mesma estranheza face aos de "fora", sejam eles

---

<sup>6</sup>Numa modalidade de aproximação/negociação entre as práticas ecológicas tradicionais dos colonos e as configuradas pelo ideário atual, a organização não-governamental Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (Capa), ligada à Igreja Evangélica de Confissão Luterana, há 30 anos, presta assistência técnica para mais de 12 mil famílias de agricultores orgânicos nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. A Ong atua no apoio técnico às famílias rurais, transmissão de valores sobre o cuidado da terra e na organização dos grupos em associações e cooperativas.

técnicos, representantes do banco ou vendedores de adubo químico. Além disso, de forma análoga aos nipo-brasileiros, produtores de morangos no Distrito Federal, esses colonos mantêm a produção de suas variedades de consumo preferidas conforme seus modelos tradicionais, enquanto que nas variedades recentes, voltadas para a comercialização, são empregados adubos químicos, vários tipos de "cidas", indicados pelos técnicos.

Deve ser observado ainda, alguns elementos de gênero. Numa modalidade de "negociação" entre práticas etno-ecológicas tradicionais e a produção para o mercado, cabe ao homem tratar desta última com insumos modernos. Contudo, se a prática tradicional teve de ceder lugar à novos modelos de produção, permanece ainda como uma sobrevivência do ideário tradicional, na localização, posição da roça na safra e safrinha, mencionadas acima. Via de regra cabe ao homem a participação em movimentos sindicais e em cursos ligados à produção de produtos para o mercado.

Por outro lado, cabe à mulher o cultivo da variedade antiga, altamente valorizada pelos colonos para consumo próprio, especialmente em festas, batizados, casamentos ou velórios tradicionais. Além disso, é a mulher que em seus espaços de cultivo possui as condições de reproduzir algumas das práticas etno-ecológicas de cultivo: tais como intercalar cravo de defunto, defensivo natural na horta, utilizar tão somente adubos de sua própria criação<sup>7</sup>. Eventualmente ela comercializa parte de sua colheita dessa batata antiga para vizinhos e parentes, que também a valorizam porém não a produzem.

Além disso, numa forma maximizar o esforço a ser despendido pela mulher no seu trabalho de cultivo e articulá-lo ao trabalho da casa, a horta e outros espaços produtivos de seu domínio são localizados em espaços próximos da casa e das demais instalações. Cabe à mulher também participar de cursos promovidos por entidades com o intuito de melhorar a qualidade de vida das famílias.

Com frequência, o modelo de produção orgânica, como modelo antigo "renovado" e cientificamente validado, é introduzido e experimentado pela mulher nos seus espaços, como "ajuste moderno" à práticas etno-ecológicas antigas preservadas. Posteriormente, como forma de reduzir as margens de risco à saúde

---

<sup>7</sup>Ao contrário do sertão do nordeste onde o gado é parte do domínio produtivo masculino, nas colônias de descendentes de alemães as vacas leiteiras e galinhas são atribuição, propriedade da mãe de família e, com frequência, sua principal fonte de renda.

da família decorrente da aplicação de "venenos", e aumentar os rendimentos específicos, o modelo renovado é introduzido gradativamente pelo homem nos seus domínios de produção. O fato de ele introduzir o modelo orgânico de produção em alguns produtos e áreas, contudo, não impede que outros produtos, em outras áreas sejam cultivados com o uso de "cidas" e "venenos".

E finalmente, vale ressaltar que as medidas impositivas de produção da agroindústria, com frequência impedem que essas práticas tradicionais possam ser implementadas numa geração, o que leva a que esse ideário deixe de ser repassado para a geração seguinte.

## Referências

BOURDIEU, P. **Célibat et Condition Paysanne**. Édtudes Rurales, nº 5-6, 1962.

\_\_\_\_\_ **Le Sens Pratique**. Paris, Éditons de Minuit, 1980.

\_\_\_\_\_ **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1982.

BRANDÃO, C. R. Os nomes do Trabalho. In: **Anuário Antropológico 85**. Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, 1986.

\_\_\_\_\_ Sobre a Tradicionalidade que Há em Nós. In: Oliveira, A.U.de e Medeiros Marques, M.I. – **O Campo no Século XXI**. São Paulo, Edit.Paz e Terra / Casa Amarela, 2004.

ELIAS, N. **Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1997.

DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1978.

DUBOIS, C.G. **O Imaginário da Renascença**. Brasília, EdUnB, 1995.

DUMONT, L. **O Individualismo**. Rio de Janeiro, 1975.

PIETRAFESA, E. de Godoi. O Sistema do Lugar. In: PIETRAFESA, E. de

Godoi e NIEMAYER, A.(org.) – **Além dos Territórios**. Campinas, Mercado das Letras, 1998.

SAHLINS. M. **Cultura na Prática**. Rio de Janeiro.Edit.UFRJ, 2004.

SCHNEIDER, S. **A Agricultura Familiar e Industrialização**. Porto Alegre, Editora Universidade, 1999.

TAVARES, J.V. dos Santos. **Matuchos: exclusão e luta do Sul para a Amazônia**. Rio de Janeiro, Edit.Paz e Terra, 1983.

WOORTMANN, E. F. Da Complementaridade à Dependência: Espaço, tempo e gênero em comunidades pesqueiras do Nordeste. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. ANPOCS, n.º 18, Ano 7, 1992.

\_\_\_\_\_ **Herdeiros, Parentes e Compadres: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste**. Brasília, HUCITEC/EdUnB, 1995.

\_\_\_\_\_ **O Saber Tradicional Camponês e Inovações**. In: Oliveira e Medeiros Marques op cit, 2004.

WOORTMANN, E. F. & WOORTMANN, K **O Trabalho da Terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília, Editora UnB, 1997.

WOORTMANN, K. O Selvagem na História: Heródoto e a questão do outro. In: **Revista de Antropologia**, São Paulo, vol.43, nº1, 2000.

ZONNABEND, F. **La Mémoire Longue**. Paris, Presses Univ. de France, 1980.